
Este artigo foi elaborado a partir de reflexões e resultados provenientes da pesquisa realizada no Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, "Análise dos Modelos Culturais na Literatura Infante-Juvenil Brasileira" e que contou, para sua realização, com o apoio financeiro do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais — INEP. Além da autora, participaram, também, da pesquisa Regina P. Pinto, Esmeralda V. Negrão, Ana Maria Caleiro, Solange Assumpção, Sílvia Lustig, Maria Lucia de S. B. Pupo Tavares e Nídia Vailati.

FULVIA ROSEMBERG

Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

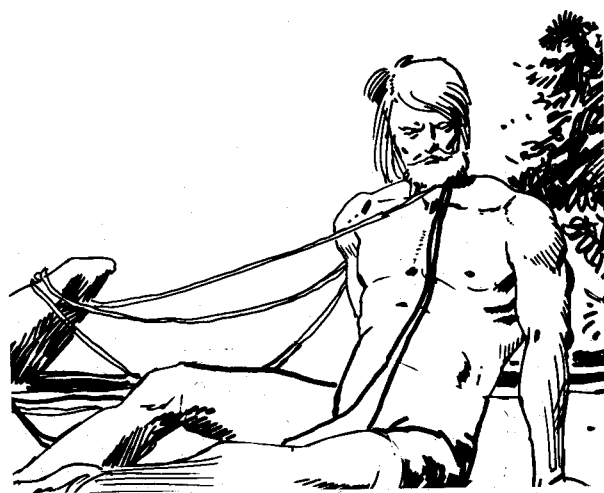
EU CONSUMO, TU ME CONSOMES

RESUMO

O artigo analisa criticamente a produção brasileira de livros para crianças, destacando sua baixa qualidade em relação à escolha de ilustrações, tipo de papel e encadernação e, principalmente, quanto às características do próprio texto. Com excessiva preocupação didática, moralista, conservadora, contendo informações contraditórias ou pouco relevantes, grande parte da literatura existente trata a criança como público menor. Comparando-a com o filme publicitário para crianças, percebe-se que enquanto este, que é consumido diretamente pelo público infantil, procura ser o mais sedutor possível, os livros, que são comprados por adultos, na realidade respondem a necessidades dos próprios adultos.

SUMMARY

This paper critically analyses the Brazilian production of books for children, emphasizing their low quality with regard to the illustrations, the kind of paper, and the binding system used, and especially with regard to the characteristics of the text itself. Exceedingly didactic, moralistic and conservative, and containing contradictory or irrelevant information, much of the existing literature deals with the child as a minor public. Comparing it with the advertising films made for children, the paper shows how these films, consumed directly by children, try to be as attractive as possible, while the books, bought by adults, respond to the needs of the adults themselves.



Uma impressão forte e marcante deixada pelo convívio cotidiano com livros brasileiros produzidos para crianças é a de desrespeito pelo leitor. Este julgamento poderia ser atenuado, ou transformado em afirmação objetiva, não valorativa, do tipo: a literatura infanto-juvenil se apresenta como uma produção improvisada, faltando-lhe uma coerência intrínseca. Seja qual for a postura assumida, o fato básico é que o livro se apresenta como um produto cuja feitura é guiada por objetivos que parecem ser exteriores à criança: é o livro enquanto objeto, enquanto literatura, enquanto imagem, enquanto significado social.

A DESCRIÇÃO

A realização material do livro para crianças apresenta, de um modo geral, uma série de imperfeições ou descuidos. Estes descuidos se tornam ainda mais inadmissíveis quando se percebe, através da mensagem transmitida, que a criança leitora é tida como imatura, como tendo um desenvolvimento psicológico diferente, se não inferior ao do adulto. Se este conceito de criança está implícito no conteúdo e transparece através de ensinamentos, omissões, edulcorações etc., ele não guia, de modo geral, a construção do objeto livro.

É assim que se pode perceber, por exemplo, deficiências na escolha do papel para impressão, permitindo, muitas vezes, efeito de transparência — acarretando dificuldade na decifragem do texto — ao mesmo tempo em que um cuidado que não teme o ridículo na ocultação da nudez dos personagens.¹

A consciência de que o jovem leitor, muitas vezes, ainda não domina o mecanismo da leitura parece ser frequentemente esquecida: tipos pequenos, fortemente impregnados de tinta² e impressos em papel transparente, não constituem raridade, como também tentativas de inovação na diagramação, acarretando superposição do texto e da ilustração, impedindo mesmo, ao leitor adulto, uma leitura sem esforço visual.³



A encadernação nem sempre é guiada pela suposição de que a motricidade da criança possa ser diferente da do adulto.⁴ Aqui, o princípio da desigualdade adulto-criança não atua, e a consequência é a produção de um livro que se esfaca, mesmo antes do fim de sua leitura.

Se muitos autores se preocupam com as deficiências do vocabulário infantil, explicando, enfadonhamente ao fio da narrativa, o significado de palavras e conceitos, nem sempre a revisão tem a mesma preocupação, pois é comum que se encontrem palavras mal impressas, erros de ortografia e de concordância,⁵ falhas formidáveis de paginação.⁶

Outras vezes, o livro se propõe a uma apresentação luxuosa, pois é bem encadernado, envolto em capa dura, plastificada, fartamente ilustrado e custando bastante caro. Mas sua confecção pode ser descuidada, ocorrendo defasagem na impressão das pranchas coloridas que compõem a ilustração, sem que ocorra à editora retirar tais exemplares do mercado.⁷

Se a preocupação com a aproximação entre o livro e a criança, tão propalada, existisse realmente, o livro deveria ser um objeto bem acabado, não se permitindo que fossem colocados à venda, por exemplo, exemplares com páginas mal guilhotinadas, contendo partes do que seria reservado a outro exemplar.⁸

A consistência da imagem-guia de criança que orienta a criação e a fabricação do livro só aparece quando se ousa formulá-la da seguinte forma: qualquer coisa, em termos de qualidade, serve para a criança.

Só assim é que se consegue entender a estereotipia de certas ilustrações, a seqüência ilógica na inserção de pranchas ilustradas no texto⁹ ou ainda a contradição entre texto e imagem.¹⁰

Alguns exemplares por nós analisados não resistiriam ao crivo de uma associação de defesa do consumidor, não só pela má qualidade do produto, quanto pela indução em erro sobre a mercadoria comprada, acarretada pela sonegação de informações catalográficas. Pudemos observar ausência de informação quanto a: autoria do texto, da ilustração, da capa; data de 1ª edição, data ou número da edição em curso, local de publicação e editora.

Enquanto produção literária, a massa das estórias analisadas receberia, sem o menor dogmatismo de minha parte, o epíteto, tão bem achado por Dante Moreira Leite (1960), de prosaicas. Insiste-se tanto na necessidade de formar o hábito de leitura entre nossos jovens como se ele pudesse se fixar com narrativas tão didáticas, pouco interessantes, mal elaboradas, por vezes mesmo incompreensíveis.¹¹

Pudemos observar que grande parte das estórias editadas têm estrutura demonstrativa, no intuito de transmitir ensinamento moral.¹² Mesmo sem discutir a validade e o significado das teses apresentadas, seria oportuno indagar se tais narrativas não trazem em si mesmas o germe de seu afastamento do público. Quando, então, adentramos o conteúdo de tais teses — que de modo geral apregoam a passividade, a submissão, a obediência, o controle da curiosidade — passamos a entender que, por vezes, a atitude de rejeitar sua leitura é a mais saudável e correta. Se não, vejamos:

“Em linguagem desataviada, comum, visa o Autor mostrar, em tipos concretos, a expressão de valores e de virtudes capitais. A gente miúda verá, traduzida em ação, as palavras:

lealdade — “como Inês venceu”;

autoridade — “Como Alberto amava”;

consciência — “O Ovo rei”;

abnegação — “O trono de Jesus”...

Que muitas crianças, no despertar de novas forças e ideais; que muitos neo-comungantes, ao se prepararem a receber Aquê que é a grande força soberana, gostem destes pequenos heróis, e mais, queiram copiar, na sua vidinha, os exemplos que eles representam.” (Minhas fábulas, p. 7)

O atravancamento didático moralista atinge tal proporção que, coisa espantosa, no breve espaço de 3 páginas destinadas à publicação de uma estorieta foi possível encontrarmos a demonstração de dois princípios morais.¹³

1 *História do mundo para as crianças; Hans Staden.* Vide prancha.

2 *Um personagem chamado Pedrinho* foi impresso em tinta azul, emitindo bastante luminosidade, e cansando sobremaneira a vista.

3 *História do morcego sem dente* (p. 14), impressão do texto sobre a ilustração.

4 Particularmente algumas séries das Editoras Tecnoprint e Conquista.

5 Alguns exemplos: *A bailarina de areia*, p. 20; *Aventuras de uma andorinha*, p. 17; *A sementinha bailarina*, p. 17; *Mestre Lápis*, p. 8; *História do Brasil para crianças*, p. 47 e, particularmente, *Viagem ao Centro do Brasil*, onde, em quase todas as páginas se nota uma falha.

6 *No sertão de Mato Grosso.*

7 *Rosa Maria no castelo encantado*, p. 21, 22 e 25.

8 *João não precisa de ninguém*, p. 29 e 41.

9 *E o vento levou... o balão de Joaninha; Aventuras de uma andorinha*, etc.

10 O exemplo mais extraordinário aparece em *O bercinho cor-de-rosa* onde o texto descreve uma noite de Natal tropical e a ilustração é nórdica, com pinheiro, chaminé fumegante!

11 Para um total de 626 estórias analisadas encontramos: 18,4% essencialmente recreativas; 73,4% didáticas e 8,2% com outras temáticas ou indeterminadas.

12 56,4% das estórias analisadas desenvolvem-se em torno de um tema moral.

13 “Não desanimar” in *Contos do Frei Idefonso* e “O Bacurau, a Cambaxirra e o Morcego” in *Os filhos do sapo*.

Nem mesmo no desenvolvimento de uma literatura didática ou "a tese" percebeu-se, de forma constante, a busca de verossimilhança ou de coerência interna. Por vezes, a informação veiculada é incorreta, ou ainda, o próprio princípio defendido, gerador da fábula, é desrespeitado em sua demonstração.

"VOVÓ – *Exatamente, meu netinho, e nisto estava mais uma facêta do valor de Rui Barbosa. Quando os pais são bons e os filhos são maus, julgam que nada devem aos pais. Mas quando são bons percebem do muito que receberam de seus progenitores*". (Homens ilustres, p. 14)¹⁴

Quase não se percebe um esforço em criar uma peça consistente, mesmo fantasista ou fabulesca. A utilização de seres antropomorfizados constitui, nestes casos, solução de facilidade, pois eles são manipulados para atuar, em mesma narrativa, tanto com sua essência animal quanto humana, mas desde que possam servir ao desenrolar da tese.

"O cavalo nunca se queixara de sua vida. Sabia que devia trabalhar, e fazia-o de boa vontade. Mas os outros tanto lhe falaram em progresso, liberdade e civilização que, naquele dia, quiz demonstrar ao seu dono que estava à altura dos tempos modernos.

Parou de repente no meio do caminho e, virando a cabeça para o dono, disse:

– Viva o progresso e a civilização!

Também nós temos o direito de participar do governo e ocupar lugares de comando. Somos todos iguais e, portanto, todos temos os mesmos direitos. É injusto que as sortes do povo estejam nas mãos de alguns poucos.

– Ouça, meu amigo, respondeu o carroceiro meio admirado: cada um nasceu para uma determinada coisa e devem pois, conformar-se com o seu estado de vida.

– Velharias! respondeu o cavalo. Você naturalmente, defende os seus privilégios e ignora que os tempos mudaram.

– Então, você está com idéias de ser governador do Estado ou prefeito da Cidade?

– Se não puder chegar a tanto, seria satisfeito se pudesse sentar-me na direção do carro.

O homem fez a vontade do cavalo. Desceu da carroça para meter-se no lugar do cavalo e mandou que ele subisse para ocupar o seu assento na direção. Fez esforços para puxar o carro, mas as rodas não se mexiam. O cavalo assoprava furiosamente, mexia-se nervosamente, agitava o chicote, e o carro não andava.

A conclusão foi que o cavalo desceu da carroça e foi puxar o carro. Então o homem lhe disse:

– *Está convencido que cada um nasceu para uma coisa determinada? ("O cavalo e o carroceiro" in Minhas fábulas, p. 46-47).*

Outras vezes, a aventura, a viagem, o passeio atuam apenas como iscas para a transmissão de informações, conhecimentos, erudição (etimologia de palavras com sua origem latina em livro de viagem, caça e pesca). A criança é antes de tudo, nesta perspectiva, um ser educável. Uma caixa vazia que deve armazenar toda uma gama de informações disponíveis, das mais indigestas às menos interessantes. É o ensinamento permanente. Sua gama é extremamente variada, havendo, porém, ênfase especial na elucidação do significado de palavras. A avalanche didática é tão violenta que se poderia mesmo falar em terrorismo pedagógico.

"Uma das coisas mais deliciosas das fazendas são as jaboticabas. A jaboticaba é uma fruta que, quando bem madura, parece uma bolinha de gude, preta; dentro dela, há uma polpa muito branquinha, e doce, como mel". (As aventuras de Robertinho, p. 89)

"Carlinhos, resmungou:

– Arre, papai, você ainda não está cansado de hospital?

– Mas este não é um hospital como os outros... É o primeiro fundado no Brasil, o segundo da América...

– O primeiro foi na América do Norte?

– Não. Foi no México. Na América do Norte, só em 1750 foi criado o hospital de Filadélfia." (Glorinha e o mar, p. 17)

"– Meus alunos, a aula de hoje é muito importante para nós, os peixes. Vamos estudar diferença entre "comida" e "isca". Parece fácil, mas é muito difícil notar essa diferença a um simples olhar. Lambari, preste atenção". (O peixinho arteiro, p. 7)

"– É maravilhoso o destino de ser útil! Eu, o jequitibá que domino a floresta com a minha altura, sinto-me orgulhoso e feliz. Este meu tronco, com doze metros de comprimento e um metro de largura, vai dar uma porção de táboas, – táboas para fôrro das casas da cidade!" (O filho da floresta, p. 12)

Comportamento louvável e adaptado, nestes casos, é o dos leitores que através de leitura dinâmica, aprendida espontaneamente por necessidades evidentes, saltam alegremente passagens enfadonhas, desnecessárias e mesmo contendo informações repetidas e conflitantes.

"E sabendo a metrópole espanhola desse caminho pelo Tietê e Paraná, mandou por ele seu capitão-general do Paraguai, D. Luís Céspedes de Héria. Desceu em 1628 para tomar posse de seu governo. Ficou amigo dos brasileiros, tendo-se casado com uma filha de Salvador Correia de Sá, mais tarde capitão-general do Rio de Janeiro (p. 37).

O primeiro mapa ou roteiro, toscamente desenhado sem escala, assinalando o curso do Tietê e do Paraná, deve-se ao Governador General do Paraguai, D. Luís Céspedes de Xéria, quando obteve, com muito custo, permissão para usar o caminho do Tietê, para chegar aos seus domínios do Paraguai. Isso foi a 16 de julho de 1628." (Três escoteiros em férias no Rio Tietê, p. 157)

14 A pergunta que cabe após a leitura do texto seria: e os filhos maus, de quem a responsabilidade?

Por vezes, a distância entre a narrativa e a criança leitora pareceu tão enorme, a esquizofrenia do texto tão evidente que a única razão encontrada para sua publicação seria a satisfação de necessidades narcisistas adultas.

"Os escudeiros, à porta do palácio, tinham sido mortos, num repente, por uma fumaça estranha que desceu como um jato de avião, roncando sobre os telhados do castelo. Várias lagartixas foram encontradas mortas pelos salões abertos, e, no jardim, cozinheiros que chegavam pela manhã, cedinho, com enormes cestos de formigas, moscas, cabeças de traças, orelhas de mandris, barrigas de taturanas, estômagos de aranha e rins de gafanhotos para o banquete daquela tarde, agonizavam pela relva e pelos bancos, sem tempo de assistência." (p. 20)

"No canto, um encarcerado era castigado, devendo engolir pedregulhos, cada vez maiores, até morrer, sob o ronco demoníaco dos morcegos em volta dele." (p. 104)

"Do outro lado da praia, a bruxa gargalhava, e os morcegos fugiam novamente dela. Uma nuvem de içãs comia seus defuntos, apinhados num canto, e baratas vomitavam formigas, numa bacia de fezes, de ratos." (p. 106)

"Os cozinheiros aprimoravam os pratos para o banquete: havia uma salva luzente com um sapo de pipocas, pintadas com anilina verde. Noutras bandejas, incrustadas de pedras preciosas, uma cobra de marmelada ao lado de uma borboleta abrindo e fechando as asas de papel de sêda colorido, como se batesse palmas; uma árvore de sorvete; creme de violetas, frapé de raiz lilás; tulipas com bolachas; peitos de javalis com caramelos; lobo com vinho de malvas; estrelas-do-mar entre flôres cantantes." (p. 89)

"Comia, numa única refeição, uma leoa inteira, posta em tão grande bandeja, que era preciso uma procissão de lacaios para conduzi-las à mesa imperial; enfeitavam-na com orelhas de elefantes, pescoços de girafas e patas de bulldogues. Noutras ocasiões, costumava deglutir um hipopótamo rodeado de creme de gengivas de onça e peles de curiangos, com mólho de canelas de pavões." (Estórias para sonhar crianças, p. 118)

Estilisticamente, por vezes, a sensação da leitora que fui equivaleria a um "d'já lu", tantos os lugares comuns, as repetições, as soluções de facilidade.

"Pouco antes do jantar chegou Lia, a única filha do casal. Saíra para vender bilhetes de uma rifa pró construção do Clube de Leitura, uma iniciativa da juventude local. Ao ver mais esta flor da terra achou Romeu que o lugar devia ser chamado Monteflores, pois a montanha estava ornamentada por muitas flôres. E se à tarde vira o Raiozinho de Sol agora lhe surgia, mais suave e modesto, o Raiozinho de Luar. Fausto era muito amigo de galanteios bem educados, mas resolveu tecer êste comentário lá com seus botões, por não estar em casa própria. Mas que era sincero e verdadeiro, isto era." (Saudades de Monteflor, p. 13)

"Quando os jovens brasileiros ficam pensando na diferença desfavorável ao Brasil que resulta de se compará-lo aos Estados Unidos, que hoje lideram o mundo ocidental, com o nosso país, devem, entre muitas coisas,

lembrar-se de que, tornadas independentes as antigas colônias inglesas, o ouro encontrado e explorado ficou em poder dos norte-americanos, obtendo êstes, assim, recursos para impulsionar a prosperidade e realizar o progresso geral, enquanto o Brasil chegou à independência com as minas praticamente esgotadas, e o tesouro vazio." (O Visconde de Mauá, p. 25)¹⁵

Grande parte da produção disponível, em nosso meio, trata, realmente, o leitor infanto-juvenil enquanto público menor. É claro que encontramos uma série de livros respeitadores da criança, seja em sua confecção, seja literariamente.¹⁶ Livros bem cuidados, lidando com temática próxima à criança, tendo preocupação estrutural e literária, aproximando-se da Literatura.

Apesar de todas as qualidades apontadas, ora e vez se percebe um deslize, como se a nova criança escapasse: um ou outro ensinamento, uma ou outra utilização de referencial cultural adulto ou, ainda, sincretismo na caracterização da época.¹⁷

"E D. Zezé só não lhe dava uma boa surra porque era uma senhora muito moderna, que tinha morado nos Estados Unidos quando o marido foi fazer um curso, e não acreditava em dar surra em criança". (O menino mágico, p. 52)

A INTERPRETAÇÃO

Por que, apesar de tantas e tais insuficiências este tipo de literatura perdura? Por que ainda existe no mercado espécimes tão criticáveis?

O modelo explicativo que proponho leva em conta a posição ocupada pela criança e pela literatura na sociedade em que vivemos.

Na sociedade industrial e urbana moderna, a criança e o jovem constituem, enquanto grupos etários no aqui e no agora (e não enquanto adultos que serão), categorias sociais afastadas da produção e, portanto, pouco valori-

¹⁵ Ufal

¹⁶ *O menino mágico; A breve história de Asdrúbal, o terrível; A vaca voadora; O velho que foi embora; Justino, o retirante; Estórias do vovô Pajé; O macaco inventor, o 13º trabalho de Hércules; Cabra das rocas; O sítio do picapau amarelo* são alguns dos exemplos contidos em nossa amostra.

¹⁷ Chamamos de "referencial cultural adulto" a utilização de informações que escapam, provavelmente, à compreensão da criança, muitas vezes caracterizáveis como concessões ao adulto comprador.

zadas em si. Seu valor advém da atuação que possam ter na expansão do consumo e do próprio mercado de trabalho.

A especificidade da criança e do jovem, a compartimentação das etapas da vida criariam, ou pelo menos acentuariam, necessidades também específicas que devem ser satisfeitas através de produtos e de atividades particulares. Daí a criação de objetos, dos mais variados, destinados à criança; daí o surgimento de especialistas em crianças e jovens.

O valor social da criança e do jovem no aqui e no agora seria, então, principalmente determinado por seu significado econômico, isto é, enquanto consumidores ou enquanto agentes de pressão sobre a compra de mercadorias. Uma característica bastante particular dos consumidores infantis e jovens é que, muitas vezes, ocorre entre eles uma dissociação entre o ato de comprar e o de consumir: não é raro que crianças e jovens atuem exclusivamente como consumidores ou agentes de pressão sobre a compra, pois, o dinheiro não lhes pertencendo, podem apenas manipulá-lo em certas ocasiões e em pequenas quantidades. A decisão sobre a compra de mercadorias que lhes são destinadas é determinada, em última instância, pelo adulto que pode, ou não, satisfazer os anseios e as aspirações infantis.

Algumas mercadorias consumidas por crianças são compradas pelo adulto sem necessidade de solicitação ou pressão. São, geralmente, consideradas imprescindíveis, produtos indispensáveis ou, pelo menos, necessários: alimentação e vestuário de um modo geral ou bens educacionais e culturais, para certas classes sociais. O livro, para a classe média, entraria nesta última categoria: mercadoria cultural usufruindo de preconceito positivo, consumida pela criança e pelo jovem sem que, para tanto, necessitem pressionar o adulto. Neste caso, o verdadeiro consumidor do produto ou do bem não se confunde com o comprador.

Quando o comprador e consumidor são individualidades distintas, a permanência do produto no mercado pode sofrer, ou não, o impacto da apreciação de quem consome, dependendo da orientação de sua sedução: se dirigida ao consumidor, o impacto ocorre; se dirigida ao comprador, o impacto é mínimo. O livro infanto-juvenil, mesmo considerado de modo geral insatisfatório em sua feitura material, temática e literária, constituiria produto sedutor para quem o compra, mitificado através do valor cultural atribuído à leitura e à literatura pela classe média.

Esta proposta interpretativa se solidifica quando se compara o livro a um de seus contra-exemplos: a propaganda televisada para crianças.

Os filmes publicitários televisados e destinados a um público infantil anunciam, essencialmente, brinquedos e alimentos, mais especificamente guloseimas (chocolate, iogurte, biscoito), produtos que não são considerados como indispensáveis pelo adulto, recebendo o rótulo de supérfluos.

Uma característica importantíssima do conteúdo

destes filmes, quando comparado ao de livros para crianças, e mesmo de filmes publicitários destinados a um público adulto, é o alto grau de *sedução* que impregna produto, contexto, apresentadores, vida. Se os produtos anunciados (guloseimas e brinquedos) já são sedutores em si mesmos, o filme publicitário hipertrofia esta sedução, através da caracterização de um contexto que se "cola" ao produto como verdadeira embalagem.

Um dos exemplos mais marcantes desta função de embalagem do filme de propaganda para crianças pode ser encontrado em certos anúncios onde os brinquedos são exibidos em contexto "real". A aventura "real" acoplada a um Falcon vivificado, por exemplo, transforma o boneco inerte em companheiro, associando a criança a uma certa vida adulta, da qual, na realidade se vê afastada. O fascínio aqui é duplicado: o boneco é envolvido pela animação, altamente sedutora, e a criança que o possui é investida, até certo ponto, do poder adulto de viver a vida e não de vivê-la "como se".

O filme publicitário para crianças, diferentemente do anúncio de produtos semelhantes para adulto, não enfoca as qualidades intrínsecas ao que é anunciado — durabilidade, resistência, etc. — mas, ao contrário, focaliza quase que exclusivamente as emoções e os afetos auferidos imediata e automaticamente por seu consumo.

Assim, o universo do filme publicitário para crianças é regido principalmente pelo princípio do prazer, não havendo lugar para contradição, ou tensão *intra-filme*.¹⁸ Tudo é alegre e bonito. É o mundo árvore de natal. É a festa permanente, tanto na expressão e postura das pessoas, quanto no contexto físico e social. Contrariamente ao livro para crianças, aqui não há lugar para o dever, ou para o ensinamento, pois o universo é descrito através do "olho-desejo-do-consumidor". Na literatura destinada à criança, o adulto constitui o ponto de referência, o guia e o orientador, no filme publicitário o adulto praticamente inexistente, e quando aparece é um igual, próximo à criança, disponível e extremamente permissivo, sem qualquer traço de "educador". Os pecados comuns são permitidos. É mais do que a ilha dos prazeres do Pinóquio, pois aqui se brinca, não se estuda e não se fica burro. A realidade é recriada para não constituir entrave à realização de certos desejos.

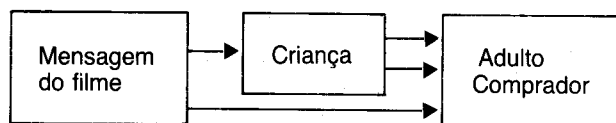
Além da sedução proveniente do contexto-embalagem, me parece que o próprio filme publicitário constitui, em si mesmo, uma fonte direta de prazer para o espectador infantil, que vai também impregnar o produto anunciado. Neste ponto, serei mais cautelosa, pois manipulo reações apenas suspeitadas na criança-espectadora. Vejamos: o tipo de sedução descrito até agora foi exclusivamente *intra-fílmico*, isto é, o consumo de produtos sedutores é fonte de prazer para pessoas maravilhosas que vivem num mundo encantador. Para viver esta maravilha toda eu, espectador, devo consumir tais produtos. Agora, tendo em vista o universo descrito na tela, a variedade da linguagem utilizada, a diversidade dos estímulos emitidos, a produção extremamente cuidada, o refinamento na apresentação e na confecção do produto, a repetição freqüente pode-se, pelo menos colocar como hi-

pótese, que o prazer visto lá é acompanhado de um prazer sentido aqui.¹⁹ Em decorrência, o próprio filme já seria uma prova na pitada do prazer imenso que sentirei consumindo.

Até que ponto estes aspectos da propaganda para crianças diferem da propaganda para adultos? O universo da propaganda não é igualmente sedutor para ambos os públicos? Sim e não. As diferenças que encontro dizem tanto respeito à linguagem, quanto ao produto anunciado. Se tomarmos o conjunto de filmes publicitários para adultos, veremos que, muitas vezes, o foco da atenção recai sobre as qualidades intrínsecas ao produto (é leve, resistente, eficiente) ou nas vantagens decorrentes para o consumidor, que podem se escalar desde maior economia até maior sedução. Mesmo os anúncios de produtos fontes de prazer para adultos, semelhantes aos analisados para crianças (cigarros, bebidas, certos alimentícios), são mais diversificados, utilizando outros apelos: tradição, status, beleza etc. O prazer, nos filmes para adultos, pode estar implícito, pode ser mesmo considerado como o verdadeiro alvo a ser atingido, mas me parece que raramente seja imediata e automaticamente associado ao consumo do produto. A formulação para adultos seria: *o produto X é consumido por pessoas que vivem emoções fortes*. A formulação para crianças seria: *tenha emoções consumindo X*. Ocorre então, ao meu ver, no filme publicitário para crianças, uma hipertrofia da sedução, seja por ser o *prazer* o principal (único) apelo, seja por ser o *prazer* obtido imediata e automaticamente pelo consumo do produto anunciado.

Semelhantemente ao livro infanto-juvenil, um filme publicitário para um público infantil constitui também uma forma de comunicação especial onde o emissor é o adulto e o receptor a criança, criança esta que apesar de ser o consumidor do produto anunciado não é seu comprador. Aqui, também, o comprador é o adulto que a enquadra no contexto familiar: pais e parentes próximos. Diferentemente no filme publicitário a criança é utilizada como "relais" ou veículo para atingir o adulto comprador, funcionando como elemento intermediário, uma espécie de catalisador ou multiplicador de pressão sobre o comprador.

Figura 1



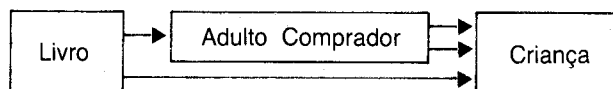
Como os produtos anunciados são tidos como pouco importantes, secundários ou supérfluos pelo adulto, a passagem pela criança torna-se mais importante: na medida em que o adulto possui uma resistência à compra do produto, a utilização da criança como elemento de pressão deve ser máxima e o produto anunciado revestido de

máxima sedução. O desejo do consumo deve ser imperioso e inquestionável. Neste caso, a comunicação deve ser sedutora, aliada da criança, colocar-se a seu lado, originar-se de suas vontades.

O circuito é completado, pois a criança consumidora, tendo acesso direto ao "mídia", fornece um "feedback" imediato (o índice de venda do produto) que permitirá correção sempre que a mensagem se afastar dos "desejos" infantis.

No caso dos livros a orientação da pressão é inversa: a mensagem é dirigida aos pais que, enquanto compradores, pressionarão os filhos a consumirem, não obrigatoriamente porque as crianças desejem, mas porque, enquanto educadores, consideram bom ou necessário. É assim que a propaganda do livro para crianças é sempre dirigida ao adulto: pais, professores e bibliotecários. O esquema regendo a confecção material e simbólica do livro seria:

Figura 2



Que minha interpretação não seja enviesada: a qualidade do filme publicitário indica apenas extremo zelo e cuidado para com a criança *consumidora*. É apenas nela que fabricantes, produtores e publicistas investem, e não na criança em si, valor social hoje, independentemente de seu peso no mercado de consumo.²⁰

¹⁸ A tensão provém, provavelmente, da distância entre o prazer realmente vivido pela criança espectadora e o prazer acentuado da criança apresentadora do produto e da maravilha de seu universo.

¹⁹ Conseqüentemente os recursos financeiros e técnicos disponíveis para a confecção de um desses filmes parecem ser incomparavelmente superiores aos utilizados para a elaboração de um livro.

²⁰ O modelo proposto não se pretende completo, pois o círculo criação-compra-consumo não esgota a compreensão da mensagem. É por isto que nas figuras 1 e 2 certas flechas não passam pelos "relais" indicando a possibilidade de que aspectos do livro visariam à criança e que certas características dos filmes seriam dirigidas ao adulto.

Da mesma forma, para o adulto comprador pode-se supor que o produto estimularia outros mecanismos além da apreciação de sua qualidade. É de se imaginar, por exemplo, que os adultos atribuem significados diversos ao ato de dar brinquedos ou livros. É também de se supor que estes significados transpareçam na confecção da mensagem, filme ou livro.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Ivan Engler de. *No sertão do Mato Grosso*. São Paulo, Ed. do Brasil, s.d. 78p.
- BARROS JUNIOR, Francisco de. *Três garotos em férias no rio Tietê*. II. Oswaldo Storni. 10ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1973. 173p. (Obras Célebres)
- BARROSO, Célio. *História do morcego sem-dente*. II. Mirte Moesia Roim Barroso. Rio de Janeiro, Conquista, Instituto Nacional do Livro, s.d. 19p.
- CASTRO, Emil de. *Estórias do Vovô Pajé*. II. Kenneth de Lanerolle. Rio de Janeiro, Livros do Mundo Inteiro; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1973. 59p.
- CASTRO, Luiz Paiva de. *Viagem ao Centro do Brasil*. Rio de Janeiro, José Alvaro, 1973. 94p.
- CORRÉA, Viriato. *História do Brasil para crianças*. II. Belmonte. 24ª ed. São Paulo, Cia. Ed. Nacional. 1967. 237p.
- DINA ZITA, pseud. [Bastos, Maria Garcia]. *O bercinho cor-de-rosa*. II. Leda. Rio de Janeiro, Minerva, 1974. 55p.
- DORNELLES, Leny W. *O velho que foi embora*. II. Regina Yolanda. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1974. 46p.
- FARIA, Maria Adail Philidory de. *As aventuras de Robertinho*. II. Evangelina Philidory de Faria Jafeth. Rio de Janeiro, A.G.U.S.A. ed., s.d. 99p.
- FERNANDES, Sebastião. *Os filhos do Sapo*. II. Célio Barroso. [Petrópolis], Vozes, 1963. 54p. (Coleção do Sapo)
- FRANÇA, Eliardo e Mary. *João não precisa de ninguém*. Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint, Edições de Ouro, 1976.
- FRANCO, Oranice. *O peixinho arteiro*. Rio de Janeiro, Conquista, s.d. 16p. (Histórias do Tio Janjão)
- GOMES, Alfredo. *O Visconde de Mauá*. II. Oswaldo Storni. 2ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 106p. (Série Grandes Brasileiros)
- GORI, José Romano. *Minhas fábulas*. São Paulo, Paulinas, 1955. 77p.
- HOMEM, Homero. *Cabra das rocas*. II. Edmundo Rodrigues. 3ª ed. São Paulo, Ática, 1975. 94p. (Série Vaga-Lume)
- ILDEFONSO, Frei. *Contos do Frei Ildefonso*. 2ª ed. São Paulo, Paulinas, 1940. 104p. (Coleção Andorinha)
- LANDAU, Alice. *Aventuras de uma andorinha*. II. Hebe. São Paulo, Ed. do Brasil, s.d. 37p.
- LEAL, Isa Silveira. *Glorinha e o mar*. 9ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1975. 86p. (Coleção Jovens do Mundo Todo)
- LEFRÉVE, Virgínia. *O filho da floresta*. II. Guilherme Walpeteris. São Paulo, Ed. do Brasil, s.d. 31p. (Coleção Histórias do Burrinho Feliz)
- LESSA, Orígenes. *O 13º trabalho de Hércules*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Tecnoprint, Ed. de Ouro, 1970. 160p. (Coleção Calouro)
- LIMA, Edy. *A vaca proibida*. II. Jayme Cortez. 2ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1976. 122p. (Série Alegria da Infância)
- LOBATO, Monteiro. *Hans Staden*. II. Manoel Victor Filho. 18ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1976. 84p.
- LOBATO, Monteiro. *História do mundo para as crianças*. II. Manoel Victor Filho. 21ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1976. 214p.
- LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*. II. Manoel Victor Filho. 17ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1973. 133p.
- MOTT, Odette de Barros. *Justino, o retirante*. 8ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1976. 95p. (Coleção Jovens do Mundo Todo)
- MURALHA, Sidônio. *Um personagem chamado Pedrinho*. II. Alice Prado. São Paulo, Brasiliense, 1970. 35p.
- NOVAIS, Glorinha de Moura. *E o vento levou... o balão da Joaninha*. II. Hilda Bennett, 6ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1976. 29p. (Série Patinho Amarelo)
- OLIVEIRA, Antenor Santos de. *Homens ilustres*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1967. 110p.
- QUEIROZ, Rachel de. *O menino mágico*. II. Gian Calvi. 3ª ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1976. 118p.
- RAUPP, Sérgio Antonio. *Saudades de Monteflor*. Porto Alegre, Paulinas, 1960. 278p. (Coleção Juventude Audaz)
- REGI, Glória, pseud. [Souza, Alice Inglez de, irmã]. *Mestre Lápis*. II. Oswaldo Storni. São Paulo, Melhoramentos, s.d. 31p.
- RODRIGUES, Wilson Woodrow. *A bailarina de areia*. Rio de Janeiro, Torre, s.d. 24p. (Coleção AEIOU)
- SILVA, Lília A. Pereira da. *Estórias para sonhar crianças*. II. autor. São Paulo, Dellarole, 1967. 119p.
- SOUZA, Iza Ramos de Azevedo. *A sementinha bailarina*. 2ª ed. São Paulo, Ed. do Brasil, s.d. 32p. (Histórias do Burrinho Feliz)
- VERÍSSIMO, Érico. *Rosa Maria do castelo encantado*. II. Vera Maria Muccillo Monteiro. Porto Alegre, Globo, 1975. 44p.
- VICTOR, Léo. *O macaco inventor: fábulas do conhecimento para crianças*. II. Paula Saldanha. 2ª ed. Rio de Janeiro, Lia Ed.; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1974. 47p.
- VIGNA, Elvira. *A breve história de Asdrubal, o terrível*. II. autor. Rio de Janeiro, Ed. Conde, Instituto Nacional do Livro, 1971. 80p.